

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. (Org. Cleonice Berardinelli e Maurício Mattos).



Quando se vê no mercado brasileiro aparecer a edição de um livro português é sempre tempo de regozijar-se. Para os novos autores isso talvez nem tanto espante, porque para o bem e para o mal eles vão conseguindo o espaço que a mídia lhes vai abrindo. Também os clássicos vão conseguindo brechas que evitem que os leitores brasileiros – e neste caso especialmente os jovens estudantes universitários das letras – sejam obrigados a importações e conversões de moeda nem sempre evidentes ou viáveis para seus orçamentos pessoais, geralmente curtos. Mas é claro que em se tratando de Fernando Pessoa a história muda bastante: afinal já há muitos anos temos entre nós antologias que, se pecam por vezes terrivelmente na transcrição dos poemas (ó céus, com grande desgosto o descobrimos e o vamos assinalando para que se não aleijem demasiado os versos do poeta) ao menos são razoavelmente interessantes como seleção de textos. Ali encontramos poemas fundamentais, que concedem a cada pedaço de espelho, a cada caco partido a que convém chamar – como quis o poeta – “heterônimo”, sua parte no coro pessoano, e que incluem ainda outros textos do autor, entre eles a *Mensagem*, que, como bem sabemos, não cabe inteiramente na teia lírica assinada por Fernando Pessoa ele-mesmo, aquele “ortônimo” do sino da aldeia, da chuva oblíqua, dos passos da cruz, da autopsicografia. Porque a *Mensagem*, tão lírica quanto deve ser tomada, carrega o esforço histórico de recuperar liricamente, repito, em pleno século XX, a narrativa esgarçada – tal como o tempo que a viu nascer – de uma tradição épica que *Os Lusíadas* nunca deixaram de assombrar.

É por isso mesmo que talvez um pouco surpresos olhemos nas livrarias uma nova edição dessa *Mensagem*. Contudo o ar *semi-blasé* que costumamos lançar ao já visto começa rapidamente a se intrigar por ver, no topo da capa, um nome conhecido – Cleonice Berardinelli – acompanhado de outro, mais jovem, Maurício Mattos, poeta e professor de que o tempo falará por certo como um herdeiro da grande mestra no que tange à paixão pelos velhos manuscritos ou velhas edições.

Recordamo-nos bem do trabalho sério de Cleonice Berardinelli, que foi parte importante da sua atividade intelectual: a crítica textual, a paixão dos espólios – sobretudo os pessoanos mas não só –, a recuperação e edição de autores clássicos como o Chiado, que a tradição tinha deixado na sombra do século XVI, a importância minimalista dada ao texto justo quando recupera em edição brasileira uma coletânea utilíssima do teatro de Gil Vicente.

Mas perco-me, ou talvez não. Dizia que o ar *blasé* ao olhar essa edição da *Mensagem*, encontrável hoje nas melhores livrarias, se suspende da desatenção ao ver seu nome no topo da capa. E quem sabe, para felicidade própria, obrigar-nos-emos a parar e a folhear o volume. Uma edição da *Mensagem*? Mas se já conhecemos o poema tão bem que seus versos – tantos! – se tornaram parte do nosso acervo de bibliotecas interiores e pessoais! Se sabemos de cor, e por isso de coração, alguns poemas inteiros, como um certo “D. Dinis”, cuja metáfora definidora – “o plantador de naus a haver” – é um desses achados poéticos que misturam, na economia de um verso, séculos de história portuguesa! Ou ainda outros que lembram ao leitor entusiasmado que a loucura, o sonho, a ânsia, a febre de além são a parte verdadeiramente humana, por isso mesmo tantas vezes dolorosa, daquele que não quer ficar em casa, contente com o seu lar, daquele que se recusa a ser tão somente o cadáver adiado que procria! Que de novo pode haver nesse volume?

Tem grande razão de assim se perguntar esse transeunte de livrarias, esse amante de livros, cujo prazer começa ao olhar. Se ele é aquele *voyeur* desejável e curioso diante desse mundo de livros que lhe é dado observar, há de pegar nas mãos essa nova edição da *Mensagem*, que não tem nada a ver com edições comemorativas e luxuosas para enfeitarem as mesas dos pretensos leitores de boa literatura. É uma edição simples, formato econômico, para o destino justo do preço razoável, mas que está recheada de surpresas.

A primeira delas descobrimos quando a apresentação cuidada de Cleonice Berardinelli e de Maurício Mattos

nos diz logo à entrada, na própria capa do livro, que a versão escolhida para essa edição é justamente a primeira, a de 1934 “corrigida pelo punho do poeta”, a que tem as notas laterais manuscritas de Fernando Pessoa, que dão a marca do seu cuidado com a música do texto, alterando aqui, cortando acolá, transformando um título, o título do próprio livro, que era antes *Portugal*, e que acabou por ser (tão mais rigoroso quanto menos evidente, tão mais sutil quanto menos circunstancial) finalmente *Mensagem*.

E há mais. Há nessa edição aquele rigor de pessoa que caracteriza a professora Cleonice Berardinelli, aquele à vontade com os manuscritos do poeta, que fazem lembrar aos leitores, por exemplo, que um dos poemas da *Mensagem* foi especialmente pinçado da obra lírica do ortônimo que, afinal, só viria à luz na obra conjunta do poeta depois da morte deste. O poema é (coincidentemente, talvez, mas o acaso por vezes é feliz) “D. Fernando, Infante de Portugal”, aquele jovem filho de D. João I, feito prisioneiro em Tânger, como cativo de uma “santa guerra”, que à altura era a miragem não absurda do tempo, anunciando, com um século de antecedência, o desastre do outro nas areias de Alcácer Quibir. Que o infante se chame Fernando como o outro, Fernando Pessoa, poderá ser como aponte, um acaso feliz do destino. Mas o certo é que o poema a ele atribuído nascera antes, bem antes do projeto da *Mensagem*, e se chamava “Gládio”, da lavra de Fernando Pessoa ele-mesmo e por ele publicado na revista *ATHENA*, em 1923. Ao cotejar os dois dactiloscritos – o de “Gládio” e o de “D. Fernando, Infante de Portugal” – que a edição dá de presente, em meio a outras tantas bem vindas reproduções do seu “Caderno de Imagens”, abrem-se ao leitor e ao estudioso de Pessoas inúmeras portas, inúmeras possibilidades de re-leitura, que é, afinal, a base da vida revitalizada de todo poema, a sua eternidade conquistada não pela monumentalização da obra, mas por sua constante possibilidade de metamorfosear-se.

Enfim, para dar nesta resenha o justo valor que tem a edição que a 7 Letras com felicidade se dispôs a editar, caberia fazer o elenco do projeto deste livro: uma apresentação comentada do poema, feita por Cleonice Berardinelli, a que se seguem 15 páginas da mesma autora que, sem sobrecarga de erudição, dão conta do cuidado

que orientou suas escolhas no momento da edição e que ela – com sobriedade – denomina: “À guisa de aparato genético” e “Defesa da ortografia etimológica”.

A essa tripla apresentação segue-se o poema editado sem economia de papel, um poema em cada página, respirando como deve. O “Caderno de Imagens”, anteriormente referido, vem presentear o leitor com a comprovação de algumas das observações apontadas pelos organizadores.

Enfim, uma cronologia dos poemas da *Mensagem* que, ficamos a saber, foram escritos em diversos momentos da produção poética de Fernando Pessoa, mais precisamente desde 1913 (o mais antigo é justamente “Gládio”) até 1934, para além do fato de estarem 12 poemas sem data atribuída. E, *last but not least*, uma interessante e precisa apresentação histórica dos personagens referidos na *Mensagem*, feita por Mauricio Mattos, e que, ao contrário do que se poderia pensar, não tem nada daquilo que costumam chamar – tantas vezes inadequadamente! – de “ranço acadêmico”. Defendo-me: por um lado, a academia não é necessariamente rançosa; por outro, a breve apresentação dos vultos históricos abre as cortinas de muitas das imagens do poeta, não para violar seus mistérios mas para preservar sua aura sem abuso de inferências inadequadas e com o acréscimo dos ganhos para que a justeza das evocações históricas poderia contribuir.

Uma genealogia “dos reis que em Portugal foram” encerra esta edição com uma espécie de aceno aos tempos passados em que, estudantes da universidade, recebíamos das mãos da professora Cleonice Berardinelli, umas folhinhas datilografadas em stêncil (lá se vão os anos, ó céus!) com um esquema muito claro das dinastias portuguesas, a primeira e a segunda especialmente, e que guardávamos conosco como um ganho, uma bússola, a nos guiar por textos de rica reminiscência histórica da literatura portuguesa.

Bem-vinda, pois, esta bela edição da *Mensagem*, organizada por Cleonice Berardinelli e Mauricio Mattos.

TERESA CRISTINA CERDEIRA DA SILVA

Universidade Federal do Rio de Janeiro